

O cavaleiro do Lago de Konstanz¹

Samuel Albuquerque²

The knight of the Konstanz lake

62



Resumo

Os “discursos de si” do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) são estudados neste artigo, que toma como referência a obra *Norbert Elias über sich selbst* (1990), publicada no Brasil em 2001, sob o título *Norbert Elias por ele mesmo*, reunindo uma longa entrevista e cinco notas autobiográficas. A análise das representações de si legadas por Elias nos ajudam a compreender a relação entre sua trajetória de vida e sua obra, que reflete experiências e inquietações do renomado sociólogo contemporâneo.

Palavras-chave: Norbert Elias, memórias, autobiografias, representações.

Abstract

This article studies the “speeches of himself” from the German sociologist Norbert Elias, taking as a reference the book *Norbert Elias über sich selbst* (1990), published in Brazil in 2001 under the title of *Norbert Elias por ele mesmo*, that gathers a long interview and five autobiographical notes. The analyses of the self representations that Elias bequeathed help us to understand the relationship between his life trajectory and his work, that reflects the contemporary renowned sociologist’s experiences and restlessness.

Keywords: Norbert Elias; memories; autobiographies; representations.

- 1 Texto produzido para a apresentação do livro *Norbert Elias por ele mesmo* no primeiro encontro do Rodas de leitura do Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Mulheres/2014: *Norbert Elias*, realizado na tarde de 24 de abril de 2014, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE, em Aracaju.
- 2 Professor do Programa de Pós-graduação em História (PROHIS) e do Departamento de Museologia (DMS) da UFS, onde leciona disciplinas sobre a história do Brasil e de Sergipe. Preside o IHGSE desde janeiro de 2009.

Amsterdan, 1º de agosto de 1990. Morria, aos 93 anos, o sociólogo alemão Norbert Elias. Naquele mesmo ano, em Frankfurt, foi publicado o livro *Norbert Elias über sich selbst*, reunindo uma longa entrevista e cinco notas autobiográficas de Elias.³

A. J. Heerma van Voss e A. van Stolk, responsáveis pela “entrevista biográfica com Norbert Elias”, registraram as circunstâncias nas quais o trabalho foi realizado, bem como as impressões que tiveram do inquieto entrevistado. Vejamos:

O que viveu, Elias contou ao longo de sete entrevistas que fizemos em 1984, transcritas em cerca de vinte horas de gravação. Três dessas entrevistas foram feitas em Bielefeld, em seu gabinete do Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF), as outras quatro em seu apartamento, na parte sul de Amsterdã (ELIAS, 2001, p. 9).

A vida de Elias em nada lembrava a de um homem de idade: mesmo quando não estava trabalhando, era movido por uma espécie de atividade febril. Escrevia poemas, que foram em grande parte publicados mais tarde, acompanhava a atualidade contemporânea graças ao Herald Tribune e às informações da BBC, nadava, viajava e interessava-se bastante pela vida de seus amigos. Só bem mais tarde foi obrigado a limitar o leque de suas atividades: era o tributo que devia pagar à sua idade avançada (ELIAS, 2001, p. 10).

As conversas se deram em inglês. Elias pesava as palavras, pronunciava-as com energia e de maneira expressiva (ELIAS, 2001, p. 10).

As cinco “notas biográficas” adaptadas para a segunda parte do livro foram publicadas, originalmente, em 1984 (mesmo ano das entrevistas concedidas por Elias a Voss e Stolk), na obra *Macht und Zivilisation: Materialien zu Norbert Elias' Zivilisationstheorie 2*, e, grosso modo, tratam do desenvolvimento intelectual de Elias.⁴

É bem verdade que a edição holandesa do livro, que reunia a entrevista e as notas autobiográficas sob o título *De Geschiedenis van Norbert Elias*, antecedeu a alemã em cerca de três anos⁵. Contudo, foi a partir da edição alemã que a editora Jorge Zahar, do Rio de Janeiro, traduziu e publicou o referido livro, em 2001, sob o título *Norbert Elias por ele mesmo*⁶. Através dele, passamos a conhecer melhor a trajetória do renomado autor.

3 ELIAS, Norbert. (1990), *Norbert Elias über sich selbst*. Frankfurt: Suhrkamp.

4 GLEICHMANN, Peter; GLOUDSBLOM, Johan; KORTE, Hermann. (1984), *Macht und Zivilisation: Materialien zu Norbert Elias' Zivilisationstheorie 2*. Frankfurt : Suhrkamp. p. 9-82.

5 ELIAS, Norbert. (1987), *De Geschiedenis van Norbert Elias*. Amsterdam: Meulenhoff.

6 ELIAS, Norbert. (2001), *Norbert Elias por ele mesmo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



Norbert Elias nasceu em Breslau, na Alemanha⁷ em 22 de junho de 1897. Filho único do casal Hermann e Sophie Elias, ele cresceu no seio de uma família de judeus alemães de classe média, envolvida na produção e comercialização de tecidos. Jovem de saúde frágil, foi alvo de atenção e cuidados redobrados e teve uma educação esmerada.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, depois de ter atuado como soldado em uma unidade de transmissão no front ocidental (especializada em reestabelecer contatos telefônicos e telegráficos), Elias iniciou seus estudos em Medicina e Filosofia, chegando a defender sua tese de doutorado sobre “Ideia e indivíduo”, em 1924.⁸

Concluída sua formação acadêmica em Filosofia, transferiu-se para Heidelberg em 1925, visando ingressar na carreira docente universitária. Lá se converteu à Sociologia e estreitou relações com os mestres Alfred Weber e, principalmente, Karl Mannheim, com quem seguiu para Frankfurt em 1930, na condição de seu assistente.

Sobre suas experiências em Heidelberg e, depois, em Frankfurt, Elias registrou:

[...] em Heidelberg, só tinha contato com sociólogos, e não mais com filósofos. Encontrei então Mannheim, que não era muito mais velho que eu; gostamos um do outro e nos tornamos bons amigos. Mannheim, quanto a isso não há a menor dúvida, era um homem brilhante e estava em seu apogeu na época; atraía então cada vez mais estudantes, que abandonavam os professores mais velhos, como Alfred Weber (ELIAS, 2001, p. 42).

Heidelberg ainda era nessa época uma cidade universitária à antiga, da era pré-industrial, isto é, a vida universitária dominava toda a cidade. Uma grande parte de seus habitantes vivia dela, de maneira direta ou indireta. Nas ruas, os estudantes manifestavam-se intensamente [...] Durante o período que vivi ali, entre 1924 e 1929-30, Heidelberg exibia uma grande vitalidade intelectual; o corpo docente era rico em cabeças excepcionais e possuía um nível cultural que exigia bastante de cada estudante, ao menos nos meios que eu era levado a freqüentar (ELIAS, 2001, p. 103).

Quando Mannheim e eu fomos para Frankfurt, encontramos lá um círculo de intelectuais bastante ativo e extremamente produtivo; de fato, de um ponto de vista cultural, era uma época de grande fecundidade. Pessoas como Goldstein, o psiquiatra, Wertheim, o principal criador da Gestaltpsychologie, ou Löwen, o economista, eram alguns dos nomes mais célebres; era um clima extremamente estimulante (ELIAS, 2001, p. 51).

7 Atual Wrocław (Breslávia), na Polônia, localizada a cerca de 350 km ao sudoeste de Warszawa (Varsóvia).

8 Sobre o processo de produção e circulação da referida tese, consultar as páginas 101 a 103 de *Norbert Elias por ele mesmo* (Jorge Zahar, 2001).

Em meados da década de 1930, com a ascensão do nazismo, Elias deixou a Alemanha e, sem sucesso, tentou fixar-se na Suíça e, depois, na França. Finalmente, em 1935 se estabeleceu na Inglaterra, onde viveu até meados da década de 1970. Lá produziu sua obra mais conhecida, “O processo civilizador”, e se tornou professor de Sociologia na Universidade de Leicester em 1954, depois de ter passado pelo Adult Education Center, em Londres.

Sua longa temporada na Inglaterra foi entremeada por períodos nos quais atuou como professor visitante na Universidade de Gana e em universidades na Holanda (Amsterdã e Den Haag) e na Alemanha (Münster, Konstanz, Aachen, Frankfurt, Bochum e Bielefeld), a partir de 1962.

Não decidi um belo dia deixar a Inglaterra; a coisa aconteceu por si só. Fui professor convidado na Holanda, na Alemanha, e foi assim que, pouco a pouco, no espaço de muitos anos, comecei a viver mais na Alemanha que na Inglaterra. Finalmente, deixei minha casa de Leicester (ELIAS, 2001, p. 76).

Na segunda metade da década de 1970, Elias passou a viver entre Amsterdã e o Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF) de Bielefeld. Por essa época, deixou a condição de *outsider* e tornou-se um sociólogo consagrado, recebendo, inclusive, o Prêmio Adorno da cidade de Frankfurt, em 1977, pelo conjunto de sua obra.

Relutante, mas dobrando-se às limitações impostas pela idade, Elias aposentou-se em meados da década de 1980, instalando-se definitivamente em Amsterdã, onde faleceu, como já mencionamos, em 1990.

De forma detalhada, as experiências acima resumidas são narradas na obra Norbert Elias por ele mesmo. Nela também nos deparamos com questões dignas de nota, no que diz respeito à narrativa de si em Elias. A primeira delas é o fato de o autor interpretar experiências pessoais a partir de conceitos desenvolvidos em sua obra, como veremos adiante.

Para Elias o indivíduo é, em grande medida, moldado pela sociedade. Nesse sentido, ele recorre ao conceito de coerção social para interpretar algumas de suas experiências. Ao ser questionado, por exemplo, sobre sua compulsão por trabalho, o entrevistado chegou a seguinte conclusão: “... Nunca acho que se possa dizer que determinada atividade seja resultado de uma opção pessoal. Meu pai trabalhava muito [...]” (ELIAS, 2001, p. 11). A influência familiar, sobretudo paterna, explicaria, ainda, sua escolha pela Medicina, sobre o que registrou:

Acho que [meu pai] se ressentia profundamente de não ter feito estudos universitários porque sua família não tinha dinheiro suficiente. Eis porque teimava em transferir essa ambição para o filho; ele teria amado ter estudado medicina, e foi assim que me inscrevi em medicina, a princípio por causa dele. É preciso dizer que eu era filho único; ele transferia para mim tudo o que não conseguira obter (ELIAS, 2001, p. 14).

Ao rememorar os esforços envidados para, ao mesmo tempo, estudar Medicina e Filosofia em Breslau, Elias concluiu que o seu “gosto” pelo trabalho foi aprendido, adquirido socialmente e enfatizou:

Ainda hoje não sei como consegui levar adiante esses dois cursos paralelos. Pois me iniciei efetivamente em todas as matérias – porque faziam parte do programa do primeiro ano. Tive então que trabalhar muito; pode parecer estranho, mas acho que minha formação de soldado me ajudou nessa tarefa. Naquela época, vi-me sobre pressão durante dias e meses inteiros: fazer marchas forçadas com o equipamento, fazer exercícios, engraxar os sapatos, ficar em sentido... Éramos permanentemente obrigados a fazer algo que nos era imposto. Assim, quando comecei meus estudos de medicina, já havia aprendido a trabalhar duro e de maneira autônoma (ELIAS, 2001, p. 37).⁹

66



Mesmo confessando nunca ter sido patriota, fato que considerava um traço da estrutura de personalidade dos judeus, Elias explica o seu não incomum germanismo nos seguintes termos:

Todavia eu amava profundamente a Alemanha; estava mergulhado na cultura germânica. É um velho problema alemão, e é muito difícil de explicar: poder se identificar fortemente com a cultura alemã – e esse ainda é o meu caso hoje – sem por isso ser nacionalista, para não empregar o termo ‘patriota’ (ELIAS, 2001, p. 25).

Ainda hoje, o papel desempenhado pela literatura alemã clássica em minha formação inicial, que se exprimia através do orgulho que eu sentia de ter esses livros [obras completas de Schiller, Goethe, Heine, Mörike, Eichendorff e outros autores clássicos] e pelo fato de haver mergulhado muito cedo nessa literatura, me parece determinante. É a literatura alemã, entre outras, que devo a extensão e a profundidade de minha abordagem dos problemas humanos (ELIAS, 2001, p. 95).

Da mesma forma, Elias confessa o seu amor pelo par oposto da Alemanha, fato que amplia nossa compreensão sobre suas escolhas, em se tratando de objetos de estudo.

Sempre senti um profundo amor pela França. Amava a cultura francesa, e falava na época um francês quase perfeito, quase sem sotaque – ao contrário do que aconteceu na Inglaterra, onde nunca perdi o sotaque. Eu amava a França, amava Paris [...] (ELIAS, 2001, p. 59).

9 Em seus estudos, Elias não perde de vista que o homem, além de um ser social, é um *ser natural*. Certamente, essa preocupação é um reflexo dos seus estudos em Medicina. Aliás, Elias dá indícios claros disso na página 38 e entre as páginas 95 e 99 do *Norbert Elias por ele mesmo* (2001).

[...] sempre tive uma predileção pela cultura francesa, mesmo identificando-me intensamente com a tradição alemã (ELIAS, 2001, p. 65).

Reflexões sobre redes de relações entre intelectuais não poderiam faltar nas narrativas de Elias. Ao rememorar, por exemplo, suas vivências em Heidelberg na segunda metade da década de 1920, o sociólogo explica como passou a frequentar o salão da influente Marianne Weber, viúva de Max Weber.

Naquela época, Heidelberg era uma espécie de Meca da sociologia. O grande Max Weber morrera, é verdade, mas sua viúva ainda vivia, e seu irmão Alfred igualmente, ele também professor de sociologia (ELIAS, 2001, p. 44).

Mannheim me explicou que era indispensável, para não correr nenhum risco, obter o aval de Marianne Weber para uma eventual habilitação. Disse-me que ela mantinha uma espécie de salão e que era oportuno para um jovem sociólogo com ambições de fazer uma carreira universitária em Heidelberg apresentar-se ali. Pouco depois, recebi um convite para a casa de Marianne Weber. Era lá que regularmente se reunia uma parcela da elite universitária de Heidelberg, homens como Ernst Robert Curtius, mulheres como a sra. Jaffé, que tornara-se companheira de Alfred Weber após a morte de seu marido (ELIAS, 2001, p. 106).

Suponho que [Karl Mannheim] deve ter falado de mim com Marianne Weber, e foi assim que um dia fui convidado para seu salão. Quando se era convidado uma vez para ali, fazia-se parte de seu círculo (ELIAS, 2001, p. 42-43).

Certo dia, depois de ter me dirigido algumas palavras amáveis, [Marianne Weber] pediu-me para fazer uma exposição na casa dela, durante uma tarde. Era de praxe. Eu esperava por aquilo, mas o convite podia ter aguardado um pouco. O fato de tê-lo recebido era um bom sinal. Decidiu-se então por uma data, e três semanas mais tarde apresentei em sua casa – se bem me lembro, foi na varanda – minha pequena exposição sobre a sociologia da arquitetura gótica [...]. No final de minha exposição, aplaudiram-me educadamente e dirigiram-me algumas palavras amáveis. No salão da viúva de Max Weber eu não fora rejeitado (ELIAS, 2001, p. 107).

A leitura feita da experiência acima narrada arvora-se, também, no conceito de relações de interdependência. Aliás, Elias chegou a registrar que, em princípios da década de 1930, “[...] tinha uma noção muito precisa das redes de interdependência, [atento ao fato de] o indivíduo está ligado aos outros por um fenômeno de dependência recíproca” (ELIAS, 2001, p. 56). Com esta chave interpretou as relações estabelecidas entre ele, Alfred Weber e Karl Mannheim, na segunda metade da década de 1920. O



jovem e promissor doutor de Breslau logo foi percebido pelos mestres em Heidelberg, que, sutilmente, buscaram cooptá-lo.

Logo fiz amizade com Karl Mannheim. Como eu era mais velho que seus alunos e só um pouco mais moço que ele, como tinha ao mesmo tempo muito mais contato com estudantes do que ele, vi-me subitamente no papel de assistente informal. Quando, por volta dos anos 20, pouco depois da publicação de *Utopia e ideologia*, ele obteve uma cátedra de sociologia em Frankfurt, perguntou-me se queria acompanhá-lo e tornar-me seu assistente oficial. Aceitei a proposta com a condição de que, por minha vez, pudesse obter minha habilitação no menor prazo possível. Mannheim declarou que estava pronto a me proporcioná-la, mas somente se antes me compromettesse a trabalhar como seu assistente durante um período de três anos. Recebi garantias por parte de Alfred Weber quanto a uma habilitação em Heidelberg, mas eu era o quarto na lista de candidatos. Podia levar mais de três anos. Com Mannheim, eu era o primeiro. Aceitei então sua proposta de um período de três anos como assistente antes da habilitação (ELIAS, 2001, p. 105-106).

68



E por falar em redes e relações, mesmo que Elias se considerasse, antes de qualquer coisa, um europeu, suas memórias também revelam um intelectual que, em momentos difíceis, contou com o apoio das redes de solidariedade judaica, o que possibilitou, inclusive, o surgimento do seu aclamado *O processo civilizador*. Alguns registros de memória ilustram essa questão de forma singular. Vejamos:

Quando cheguei a Londres, evidentemente não tinha nenhuma fonte de renda. Havia lá um comitê de refugiados judeus que se declarou disposto a me ajudar. Disse-lhes que só poderia retomar minha carreira se me dessem dinheiro suficiente para escrever um livro; responderam que esse projeto era muito pouco realista, pois meu inglês ainda era sofrível; teria então que redigir minha obra em alemão. Finalmente, designaram-me uma pequena soma, o suficiente para que eu não morresse de fome e pagasse um pequeno quarto (ELIAS, 2001, p. 62).

A cada seis meses eu tinha uma entrevista com um homem do comitê de refugiados que me perguntava em que pé estavam meus trabalhos e quando o livro estaria concluído. Quando terminei o primeiro tomo, fui obrigado a lhe dizer que nesse ínterim começara a redação do segundo. ‘Bem, respondeu-me, bem. Se pensa que dois tomos são necessários, faremos dois tomos’ (ELIAS, 2001, p. 65).

– E foi em 1939 que *O processo civilizador* foi publicado.

– Sim, tive uma sorte incrível. Primeiro, o editor desaparecera sem pagar a gráfica, e foi meu pai quem teve de arcar com as despesas. Depois, como para todos os judeus, proibiram meu

pai de dispor livremente de sua fortuna; ele teve que pedir uma autorização à administração para pagar a impressão do segundo tomo com as somas depositadas em sua conta. E, quando por sua vez o segundo tomo foi concluído, consegui encontrar um editor na Suíça que concordava em publicar o livro caso tivesse as provas em mãos. Meu pobre pai teve então que ir às autoridades nazistas a fim de solicitar uma licença de exportação para o impressor. Sem a ajuda de meu pai, nunca teria conseguido publicar esse livro. Penso freqüentemente que ele se salvou por um fio (ELIAS, 2001, p. 70-71).

[Em 1954] recebi duas propostas para uma lectureship em sociologia; uma vinha de Leicester e a outra de Leeds. É bastante característico, a esse respeito, que ambas as propostas tenham emanado de pessoas elas próprias refugiadas, porém mais jovens que eu, e que por isso haviam feito seus estudos numa universidade inglesa. Escolhi Leicester, onde se encontrava Neustadt, que era oriundo de Odessa. Tratava-se de um dos mais recentes departamentos de sociologia da Inglaterra. Contribuí para desenvolver o departamento de Leicester (ELIAS, 2001, p. 74).

Característica marcante da narrativa de si em Elias é a profundidade com a qual o autor descreve a estrutura de personalidade de indivíduos que marcaram sua vida. Exemplo disso, veremos abaixo, é a descrição da viúva de Max Weber.

Marianne Weber era uma mulher impressionante. Ela me dava a impressão de uma robusta camponesa intelectual, que tinha os pés no chão, que sabia administrar sua casa e sua fazenda e que velava pelo seu patrimônio. Quando se fazia parte de seu círculo, podia-se contar com ela. Parecia-me que, sem essa forte mulher, Max Weber não teria tido a perseverança necessária para triunfar em tudo que empreendeu [...]; compreendemos também que ela o tenha dominado, que tenha se apoderado dele e, depois de sua morte, de sua herança. Em suas relações com os estranhos, era amável, polida e mantinha distância. Não há a menor dúvida de que pertencia nessa época ao universo intelectual de Heidelberg, e que tinha seu lugar, assim como seu cunhado Alfred, no mundo da sociologia de Heidelberg. Dizia-se que exercia considerável influência sobre Alfred Weber, sobretudo no que dizia respeito a jovens candidatos a um posto universitário. Um veto de sua parte podia ser definitivo (ELIAS, 2001, p. 106-107).

Ao longo da obra, e mais especificamente nas notas biográficas II e III, Elias trata das já mencionadas experiências decorrentes do convívio com Alfred Weber e Karl Mannheim. Nesse sentido, é preciso assinalar o esforço de distanciamento do autor ao analisar os conflitos entre os sociólogos de Heidelberg. Observemos:

Como Privat-dozent, Mannheim tinha visivelmente menos poder e prestígio que Alfred Weber, que era professor titular. Mas inúmeras pessoas viam nele o homem do futuro, a estrela em ascensão da sociologia de Heidelberg. Embora tenha participado tanto dos seminários de Karl Mannheim como dos de Alfred Weber, a princípio eu não percebia nada da rivalidade semeada entre esses dois homens. Um tom bastante moderado era então de rigor nas relações humanas na Universidade de Heidelberg. Nas declarações que faziam um sobre o outro, a julgar pelas que presenciei, Weber e Mannheim se mostravam extremamente prudentes./Portanto foi uma grande surpresa quando a rivalidade dos dois homens explodiu abertamente. Foi durante o VI Congresso de Sociologia Alemã, em Zurique [em setembro de 1928] (ELIAS, 2001, p. 123).

Mannheim era sem dúvida um provocador. Muitas vezes perguntei-me em que medida ele tinha consciência disso, sem chegar a encontrar uma resposta clara. Pessoalmente, sendo mais jovem e de longe o menos poderoso, nunca representei para ele o menor perigo. Nossa colaboração em Heidelberg, e mais tarde em Frankfurt, passou-se praticamente sem atritos. Com personagens mais velhos, porém, sobretudo quando reivindicam um status elevado, ele entrava facilmente numa relação de competição, e engajava-se num combate que travava com certa rispidez e intransigência [...]. Estou quase certo de que ele não tinha consciência dessa obsessão que marcava sua vida (ELIAS, 2001, p. 124-125).

Nunca se sabia se Mannheim tinha ou não consciência do caráter redutor e destrutivo de suas observações sobre o liberalismo. Em contrapartida, não há dúvida de que Alfred Weber, por seu turno, as sentiu como um aniquilamento de sua concepção do mundo e de sua doutrina política, talvez mesmo como uma relativização da doutrina política e social de seu venerado irmão Max. Tenha ou não tido consciência, todo o mundo achou que se tratava de uma declaração de guerra e de uma provocação dirigidas a Alfred Weber, o que teve o efeito de uma bomba (ELIAS, 2001, p. 127).

Quando lemos atualmente as atas das discussões do VI Congresso de Sociologia Alemã, podemos facilmente perder de vista que a resposta de Alfred Weber, que seguiu a exposição de Mannheim, era apenas a súbita manifestação de uma diferença opondo os dois sociólogos de Heidelberg, diferença que já existia há muito tempo mas que, cotidianamente, era mascarada por civilidades e que trazia à tona a situação da sociologia nos anos 20 (ELIAS, 2001, p. 129).

Interessantíssimo é o fato de Elias confessar que suas experiências de judeu alemão influíram na formulação da teoria das relações entre es-



tabelecidos e *outsiders*¹⁰. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade de algo similar tenha ocorrido em outros trabalhos de Elias¹¹. A ideia de que a Alemanha, ao contrário da França, teria pulado uma etapa importante do processo civilizador – a de acortesamento da sociedade¹² – pode ser fruto da necessidade de buscar respostas para questões surgidas de suas experiências pessoais e de grupo. Podemos, então, questionarmo-nos se, ao vislumbrar uma sociedade alemã sem o mesmo grau de refinamento e autocontrole da francesa, o interprete não estaria construindo uma explicação para as atrocidades cometidas na Alemanha nazista e que atingiram em cheio, inclusive, a família Elias?

Elias concluiu, numa clara comparação entre franceses plenamente e alemães parcialmente civilizados, que rupturas no processo civilizador de grupos estabelecidos limitam a aptidão destes para assimilar grupos *outsiders*. Segundo o autor:

A assimilação dos grupos *outsiders* é sempre um processo de longa duração que se perpetua por pelo menos três gerações e, com frequência, ainda mais. O grau de integração depende da vontade de assimilação dos *outsiders* e da capacidade dos grupos estabelecidos de assimilá-los. Em geral, os grupos estabelecidos que, durante séculos, viveram sem choques o desenvolvimento social de seu Estado, possuindo uma consciência muito forte do ‘nós’ e de seu próprio valor, estão mais aptos e dispostos a aceitar a assimilação de grupos *outsiders* do que povos de desenvolvimento frequentemente interrompido, que vivem na sombra de um passado mais prestigioso com um sentimento muito frágil e profundamente ferido de seu próprio valor, que adotam a pretensão de atingir um valor inacessível e que devem buscar um novo sentido para eles mesmos dentro de um presente mais modesto (ELIAS, 2001, p. 141).

Além de interpretar suas experiências a partir de conceitos por ele difundidos, outros elementos chamam atenção na narrativa de si em Elias. O autor demonstra, por exemplo, plena consciência das interdições do presente sobre o passado no ato de lembrar e, dessa forma, esforça-se por captar os ecos de experiências pretéritas, erguendo-se sobre as camadas de experiências constituídas ao longo de décadas vividas. O registro a seguir é uma prova desse esforço,

Com meu vocabulário de hoje, diria que achava a atmosfera [familiar] muito burguesa; mas não teria dito isso dessa maneira na época. Vejam, minha mãe tinha seu círculo de

10 Constante, sobretudo, na obra *Os estabelecidos e os outsiders* (1965 e, no Brasil, 2000).

11 Sobre a relação entre a judeidade e a obra de Elias, observemos as afirmações do próprio autor, nas páginas 134 e 142 do *Norbert Elias por ele mesmo* (2001).

12 Veiculada, por exemplo, em *O processo civilizador* e em *Os alemães*. Outras reflexões desenvolvidas em *Os alemães* foram sintetizadas entre as páginas 68 e 70 de *Norbert Elias por ele mesmo*.



amigas, todas oriundas do mesmo meio, que vinham toda semana. Muitas delas eram mais ricas que nós. E depois, havia minhas tias – aquilo não era do meu feitio. Mas eu não teria usado o termo ‘burguês’, pois não tinha opiniões políticas (ELIAS, 2001, p. 14-15).¹⁵

Aparentemente, Elias se surpreendeu ao constatar qual seletiva a memória individual pode ser, criando bloqueios e envolvendo em espessa névoa determinados fatos e experiências. Sobre isso, registrou:

Agora que os senhores me obrigam a refletir, eu mesmo me vejo surpreso lembrando de maneira tão precisa de um número tão grande de coisas que remontam à época em que eu ainda ia à escola, de minha governanta e assim por diante, ao passo que o pouco que acabo de lhes contar tive que desenterrar muito lentamente. Tinha esquecido até de minha matrícula na faculdade, em 1918. A guerra portanto foi um choque tão forte que eu não... de todo modo, não lembrava nem mesmo da data em que havia começado meus estudos, foi preciso reconstituir tudo isso (ELIAS, 2001, p. 35).

Referindo-se ao período da história alemã conhecido como República de Weimar, confessa que, em muitos aspectos, “pode-se de fato dizer que uma cortina caiu sobre todas as coisas. Esqueci o que eu sentia nessa época. É, é estranho... Meus sentimentos e meus pensamentos de então se transformaram numa mancha branca” (ELIAS, 2001, p. 36).

Surpresa para Elias foi reencontrar a si próprio, ao recuperar o excerto de sua tese de doutorado, décadas após a defesa do trabalho. Disso resultou o seguinte depoimento: “Não foi sem um certo choque que [mais de 56 anos depois, em julho de 1980] o velho que eu era reencontrou o jovem que fora um dia. Em uma das páginas, reconheci a mim mesmo; não sem certo espanto, descobri que, com idade de 27 anos, já me preocupava com problemas que mais tarde vieram a se encontrar no centro de minha reflexão quando estava redigindo O processo civilizador [...], os problemas referentes à estrutura de processos sociais não-planificados” (ELIAS, 2001, p. 111).

As experiências vividas e narradas por Elias desconstroem a ideia de um intelectual em sua torre de marfim. Sobre o seu cotidiano durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, registrou:

Acho que nunca estive nas trincheiras mais avançadas, pois nossa missão consistia em assegurar o funcionamento das linhas de telefone de telégrafo que ligavam as trincheiras ao quartel-general. Portanto sempre nos mandavam sair para consertar as linhas, constantemente sob o fogo, e, às vezes, quando

15 No mesmo sentido, consultar depoimentos de Elias nas páginas 17 e 94 do *Norbert Elias por ele mesmo* (2001).

sofríamos um ataque pesado, buscávamos refúgio numa cratera formada por uma granada, e esperávamos aquilo passar. Às vezes, era inútil reparar os fios, pois ficavam danificados imediatamente depois. Lembro-me também de um companheiro, ferido a meu lado, que tivemos que carregar, mas nunca fui para a linha de frente, que me lembre (ELIAS, 2001, p. 33).

Sobre os difíceis tempos vividos em Paris, registrou, ao ser questionado sobre o bairro onde morava:

Provavelmente Montparnasse, morava num hotel. Era muito agradável ir dançar no Apache, perto da Bastilha, e sentar nos cafés de Montparnasse. Comia-se também muito bem em restaurantes baratos e encontrava-se gente do mundo inteiro – exceto franceses. Mas ao mesmo tempo foi um período difícil para mim, o único em minha vida em que passei fome porque não tinha mais dinheiro (ELIAS, 2001, p. 59-60).

E, em 1935, deixei a França também porque não tinha chance alguma de arranjar um lugar numa universidade francesa (ELIAS, 2001, p. 58).

Sobre o drama familiar que marcou sua vida, Elias registrou:

Insisti para que [meus pais] ficassem [em Londres, quando me visitaram em fins da década de 1930]. Não queria que voltassem para Breslau porque tinha a intuição de que corriam perigo; tentei convencê-los com todas as minhas forças. Mas não compreendiam, estavam velhos e a vida deles era em Breslau... era impossível desenraizar gente como eles. Até hoje me odeio por ter sido incapaz de convencê-los. Meu pai chegou a acrescentar: 'De que poderíamos viver aqui?' E, como resposta, disse-lhe que os ajudaria, que tentaria ganhar mais dinheiro (ELIAS, 2001, p. 61).

Em 1940, minha mãe me escreveu dizendo que meu pai morrera. Ela escrevia cartas – ainda as tenho comigo. Em seguida, ela desapareceu em Auschwitz... Perdoem-me um instante (ELIAS, 2001, p. 62).

Não consigo me livrar dessa imagem de minha mãe em uma câmara de gás. Não consigo superar isso. Ainda tenho as últimas cartas que ela me escreveu, por intermédio da Cruz Vermelha, quando se encontrava no primeiro campo de concentração. Nesse momento ainda se podia enviar cartas. Ela tinha direito de escrever dez palavras, nem uma a mais. Meu sentimento é presente, e é muito forte, mesmo quarenta anos depois, não consigo superá-lo (ELIAS, 2001, p. 87).

[Em 1940] eu ocupava um posto na London School of Economics (LSE), tendo sido deslocado para Cambridge. Lá, levamos uma vida tranqüilíssima, fazendo canoagem no rio – um esporte típico de Cambridge, que se chama punting –, de-



pois tomávamos um café ou um chá num subúrbio. Foi uma ‘guerra engraçada’, tudo o que existe de mais tranquilo./Fiquei alguns meses em Cambridge até o momento em que fui internado com os outros alemães na ilha de Man. De certa maneira, meu período de detenção, que durou oito meses, foi bastante fecundo para mim, pois permitiram-me fazer cursos de inglês. Havia também outras pessoas da LSE nesse campo. C. P. Snow, o escritor, e o sociólogo Ginsberg me ajudaram a sair de lá (ELIAS, 2001, p. 71).

Norbert Elias por ele mesmo constitui importante fonte para compreender o processo de produção e circulação de obras como *O processo civilizador*¹⁴, *A sociedade de corte*¹⁵, *A sociedade dos indivíduos*¹⁶, dentre outras. Vejamos:

74



– Morava [em Londres]. Descobri ali a biblioteca do Museu Britânico, a atual British Library, e, a partir desse momento, levei uma vida muito simples: levantava de manhã e passava o dia inteiro no Museu Britânico, com uma refeição rápida num pequeno café situado não longe dali; já havia feito, claro, alguns amigos. Apreciava bastante esse estilo de vida. Sabia que, por tempo indeterminado, não teria futuro algum, mas podia mergulhar nos alfarrábios do Museu Britânico, ou antes no catálogo da biblioteca, e, cada vez que localizava um título que me interessava, pedia que me trouxessem o livro e o consultava. Minhas idéias quanto ao que ia escrever ainda eram bastante vagas, mas pouco a pouco meus mergulhos no catálogo me fizeram cair numa pista que me pareceu promissora./[...] Foi assim que caí nos tratados de etiqueta. Um dia, fiz com que me trouxessem um deles por acaso [...]. Com isso subitamente me vi de posse de um material que mostrava a diversidade das normas vigentes em épocas antigas e que permitia analisar seu desenvolvimento de maneira segura./Comecei então meu livro intitulado *O processo civilizador* [...] (ELIAS, 2001, p. 63).

No Museu Britânico, sentia-me como em minha casa; depois de seis meses, conhecia pelo menos dez por cento dos frequentadores [...] /Dez minutos depois que eu chegava, o funcionário da biblioteca trazia para minha mesa a pilha de livros que eu escolhera, e então começava a alegria da leitura; e quando achava em uma nota de rodapé uma indicação bibliográfica interessante consultava imediatamente o catálogo e encomendava os livros./A despeito das cento

14 Entre as páginas 62 e 71.

15 Nas páginas 64 e 154. “É preciso dizer que em Frankfurt já havia trabalhado sobre o século XVIII francês e que já havia escrito a primeira versão do *Sociedade de corte*. Tinha portanto, de saída, interesse pelos costumes” (ELIAS, 2001, p. 64).

16 Elias, 2001, p. 73.

e cinqüenta pessoas que se encontravam na sala de leitura, reinava uma atmosfera aveludada; para mim foi um prazer e um relaxamento trabalhar nesse lugar durante anos. Aliás, continuei a ir lá depois de ter concluído meu livro. É verdade, fui ao Museu Britânico até o dia em que deixei a Inglaterra. Trabalhei exatamente três anos em cima do Processo civilizador [...]./Não fazia nada a não ser isso (ELIAS, 2001, p. 64).

[...] É claro que tinha muitas preocupações [nesse período]. Era a época em que a situação piorava na Alemanha, e eu estava mais do que preocupado com meus pais. Meu próprio futuro também era incerto. Havia encontrado um editor em Breslau, mas enquanto ainda estava trabalhando no livro, ele teve que deixar o país porque era judeu. Fui então obrigado a sair à cata de outro editor, e meu pai teve que ir retirar as provas da gráfica. Tinha então uma penca de preocupações mais importantes, mas no Museu Britânico era possível concentrar-se inteiramente no trabalho. Apesar de todas as preocupações (ELIAS, 2001, p. 64-65).

Creio que o primeiro tomo [de O processo civilizador] saiu em 1938, o segundo em 1939. Não sei mais qual era a tiragem, mas quando visitei o editor depois da guerra, ele me disse: 'Veja, está entulhando meu porão. Não poderíamos leiloá-los? Ninguém quer comprá-los' (ELIAS, 2001, p. 71).

As diferenças de dependência e interdependência humana são o núcleo daquilo a que se refere quando se fala das relações de poder entre indivíduos de uma dada sociedade. O estudo dessas relações encontra-se, a meu ver, no centro da pesquisa sociológica, ou, mais exatamente, ali deveria encontrar-se. Sem definição e sem explicação das relações de poder no seio de um grupo, os grupos de macrosociologia ou de microsociologia permanecem incompletos, vagos e finalmente estéreis. As transformações das relações de poder e sua explicação pedem uma atenção toda particular./Tentei desenvolver uma teoria sociológica do poder e mostrar ao mesmo tempo – sobretudo em meu livro A sociedade de corte – como é preciso estudá-la (ELIAS, 2001, p. 154).

Ao avaliar a contribuição de sua obra à Sociologia, Elias demonstra sobriedade, mesmo abdicando de falsa modéstia. Observemos:

Eu pensava, e continuo pensando, que, com a primeira parte de meu livro sobre o processo civilizador – onde explicava que os alemães davam mais importância à cultura, ao passo que os franceses privilegiavam a 'civilização' – trouxe uma contribuição importante para a elucidação de um problema que agora está muito na moda: o das mentalidades nacionais. Fiz isso desde essa época. Não me coto em constatar que a mentalidade nacional dos alemães é diferente da dos franceses, mas



explico o porquê./Foi o que me fez vislumbrar pela primeira vez a descoberta que considero das mais importantes que fiz, ou seja, que só se pode descobrir a estrutura das sociedades comparando-as de maneira sistemática (ELIAS, 2001, p. 66).

Rejeitando alcunhas, Elias demonstra sua refinada capacidade crítica, notadamente nos excertos da nota biográfica transcritos abaixo:

Em meados do século XX, os sociólogos com uma vasta cultura histórica não eram raros, e muitos já constatavam que o conhecimento do passado é indispensável para compreender os problemas do presente. A maioria deles, inclusive eu, tinha conhecimento das estruturas das sociedades do passado não como historiadores, mas por um trabalho pessoal adaptado aos problemas sociológicos que buscavam resolver [...]./As gerações seguintes, que não compreendiam mais essa diferença, cujos conhecimentos e centros de interesse se limitavam a um presente bastante exíguo, chamaram mais tarde de ‘sociologia história’ essa maneira de visar as estruturas sociais do passado, os problemas sociológicos concernindo a fases anteriores da sociedade; mas trata-se de uma designação enganadora. Todos os sociólogos que citei [como Marx, Sombart, Max e Alfred Weber e Mannheim] interrogavam o passado sobre assuntos não históricos, mas sociológicos (ELIAS, 2001, p. 146).

Em tons de lição dada aos inventores da “Sociologia histórica”, Elias explica que “os problemas e as estruturas do presente assumem formas bem diversas, se observadas à luz do passado, na perspectiva dos processos de longa duração que levam a eles” (ELIAS, 2001, p. 146). Também assinala que, quando da sua conversão à Sociologia, logo enxergou “a que ponto os modelos de processos sociais de longa duração estavam saturados de ideologia” (ELIAS, 2001, p. 147). Dessa forma dissocia-se dos sociólogos que, assim como ele, possuíam “vasta cultura histórica”.

Faltavam estudos que permitissem compreender as mutações da sociedade num longo lapso de tempo com a ajuda de provas empíricas detalhadas, e isso de maneira que fosse possível substituir os modelos existentes, freqüentemente muito especulativos, por outro tipo de modelos teóricos, isto é, modelos verificáveis empiricamente e, caso necessário, emendáveis ou refutáveis [...]./Esse modelo teórico então elaborado [no meu livro O processo civilizador] correspondia igualmente a meu desejo de demonstrar – não apenas com a ajuda de conceitos gerais, mas com resultados de pesquisa tangíveis – que é possível desenvolver teorias sociológicas que não mais se inscrevam no leque dos partidos políticos e dos ideais sociais da época (ELIAS, 2001, p. 147).

Em uma lúcida reflexão sobre os a contribuição e os limites da teoria social marxista, Elias trata dos rumos que a Sociologia pode e deve seguir.



Marx desenvolveu uma teoria dos processos sociais de longo prazo que atribui a uma esfera parcial do desenvolvimento da sociedade a função de um motor da evolução em seu conjunto. Estou seguro de que não se pode ignorar essa hipótese. Ela é indispensável. No futuro, a meu ver, toda teoria sociológica deverá conter uma teoria dos processos sociais de longo prazo./O que se pode desde hoje dizer com certeza é que a tentativa de reduzir o motor dos processos sociais a uma esfera única da vida em comum, isto é, a esfera econômica, não corresponde aos fatos tangíveis. Outros impulsos que não os de uma ordem estritamente econômica operam na evolução social não-planejada (ELIAS, 2001, p. 132).

A evolução dos meios de produção, de poder, de autocontrole e de informação está imbricada; eles são interdependentes, mesmo conservando simultaneamente uma relativa autonomia. Nenhum deles pode ser reduzido simplesmente a um dos outros três. Existe um número limitado de impulsos dessa natureza, mas esses quatro já dão a impressão de uma direção na qual a sociedade evolui (ELIAS, 2001, p. 133).

A vida amorosa de Elias é um ponto obscuro em suas narrativas autobiográficas. Há, somente, uma menção ao fato do pai ter se esforçado para tratar de sua “educação sexual”. Seria Elias um sociólogo celibatário, um solitário no campo amoroso, ou, deliberadamente, preferiu não tornar público questões que julgou muito íntimas? Seja como for, Elias claramente optou por legar a representação do homem que consagrou sua vida à Sociologia.

Quando questionado, por exemplo, sobre a parte ocupada pelo ofício de sociólogo em sua vida, respondeu: “O termo ‘parte’ é inadequado: meu trabalho é o centro do que me interessa” (ELIAS, 2001, p. 83). Argumentação similar aparece quando, ao ser inquirido sobre os motivos pelos quais não casou ou teve filhos, respondeu: “Rapidamente me dei conta de que essas duas coisas são incompatíveis: realizar o que eu pretendia e ser casado. Sempre há uma rivalidade entre ambas as coisas” (ELIAS, 2001, p. 86). Afirmou, também, nunca ter lamento não ter sido pai, insinuando que a docência teria, de certa forma, substituído essa função: “[...] sempre apreciei dar aulas para estudantes e, se quiserem, podem chamar isso de um substituto. O ensino tem alguma coisa de paternal” (ELIAS, 2001, p. 86).

Questão que nos saltou aos olhos nas memórias de Elias são as “personagens um pouco fluídas” que lhe faziam companhia, mencionadas depois de ser questionado sobre a possível solidão de um filho único. Dentre essas “personagens” está uma típica preceptora alemã, indicando que, na educação de meninos burgueses, a educação doméstica podia anteceder a educação formal.

Quando ainda era bem pequeno, tive uma ama-de-leite e depois uma babá que era bem gentil. A última que tive eu devia

ter onze ou doze anos. Depois, entregaram-me a uma senhora cultíssima, membro de uma excelente família, mas que passara por adversidades financeiras (ELIAS, 2001, p. 17).

Sabemos que, em grande medida, as preceptoras alemãs do século XIX e princípios do século XX pertenciam às casas aristocráticas decadentes. Eram mulheres que precisavam garantir sua subsistência e, para tanto, dispunham de um bem que não lhes podia ser facilmente arrebatado, a refinada educação que tiveram nos tempos de opulência.

Ao que parece, a educação primária do jovem Elias ocorreu, exclusivamente, no âmbito doméstico. Provavelmente, a “senhora cultíssima” contratada para cuidar de sua educação conviveu com a família Elias até o ingresso do pupilo no liceu clássico Johannes de Breslau, como atesta a citação abaixo:

Tive sorte em meus estudos no liceu clássico para o qual meus pais me enviaram. Em minha lembrança, que talvez seja seletiva e subjetiva, meus estudos secundários no liceu Johannes de Breslau parecem-me ainda hoje um período de uma importância capital para a orientação de meus centros de interesse intelectual. Mais tarde, ouvi falar com frequência de estabelecimentos escolares que sufocavam mais do que encorajavam o interesse dos jovens pelo patrimônio cultural de sua sociedade. Foi por essa razão que nunca deixei de sentir uma grande gratidão em relação a meu liceu (ELIAS, 2001, p. 93).

Para além das notabilidades acima, selecionei reflexões que passei a denominar de pérolas de Elias. Elas dizem muito sobre as experiências e o pensamento desse sociólogo contemporâneo.

Questionado sobre a vida cultural em Breslau, concluiu que era bastante movimentada. Mas, ainda assim, registrou: “No que me diz respeito, porém, eu só tinha uma coisa na cabeça: sair dali o mais rápido possível” (ELIAS, 2001, p. 14). Vemos, dessa forma, que o Elias desenraizado manifestou-se bem cedo.¹⁷

“Não duvidava nem um pouco de que minha obra um dia seria reconhecida como contribuição de qualidade ao saber da humanidade” (ELIAS, 2001, p. 22)¹⁸. Tal reflexão desdobra-se a partir da ideia de que cada indivíduo produz o seu legado a partir de um “patrimônio de saber” ou “patrimônio de experiências do homem” (ELIAS, 2001, p. 101)¹⁹. Nesse sentido, ponderou Elias: “Isso não significa que eu pensava ter criado alguma

17 Também questionado sobre um possível saudosismo de sua juventude em Breslau, assinalou “nunca” ter lamentado mudanças e concluiu: “envelhecendo me dei conta de que não podia viver naquele universo. Quero dizer... como explicar isso? Não era meu universo” (ELIAS, 2001, p. 23).

18 De forma similar, pontuou: “Nunca duvidei de mim mesmo – sempre acreditei ser capaz de fazer algo relativamente importante. Essa fé nunca foi abalada” (ELIAS, 2001, p. 76).

19 “Trabalho sempre muito duro, e o faço tendo consciência de que devo criar as condições nas quais minha obra possa efetivamente se tornar parte integrante da tradição sociológica”, registrou (ELIAS, 2001, p. 81).



coisa. Não me considerava um inovador que tivesse trabalhado a partir do nada. Tinha consciência de me inscrever na cadeia das gerações, e portanto também na dos sociólogos” (ELIAS, 2001, p. 145).

“Nunca fui um patriota. Aliás recriminaram os judeus por não serem patriotas” (ELIAS, 2001, p. 24). Nesse sentido, Elias enxerga em si um traço da estrutura de personalidade dos judeus, fato que explica o seu “desenraizamento”. Isso seria o que ele chama de “individualização da regulação social”.

Questionado sobre o fato de os homens precisarem de mitos, responde: “– Sim, claro. Mas então eles devem escrever poemas – é o que faço também, a propósito. Também preciso de mitos – e de pinturas” (ELIAS, 2001, p. 48). Assim, o mito estaria para a arte como a desmistificação estaria para a ciência. Aprofundando essa ideia, Elias registrou:

Deveria haver mais gente como eu que não tem medo do que descobre. Evidentemente, os homens acreditam que vão ter surpresas desagradáveis caso reflitam sobre si próprios com uma pitada de realismo. Peguem Freud: à sua maneira, pretendia descobrir as coisas tais como eram realmente, independentemente do que as pessoas pudessem ter dito antes. Eis a missão de um cientista, tanto nas ciências sociais como nas ciências da natureza. É isso a ética de um cientista (ELIAS, 2001, p. 57).

“No fundo, sou europeu” (ELIAS, 2001, p. 83), concluiu o judeu alemão apaixonado pela França, curioso pela África²⁰ e fortemente marcado pela “tradição e pela civilização” inglesas²¹. Essa “pluralidade do eu” foi bem definida, na seguinte observação:

Nunca partilhei o ponto de vista segundo o qual só se pode ou se deve identificar-se com um único país. Os senhores querem evidentemente me rotular, me fixar em tal ou tal coisa, e, no meu caso, isso não é possível. O fato de ser considerado um sociólogo alemão com certeza me dá uma certa satisfação, mas é claro que sou mais do que isso (ELIAS, 2001, p. 83).

Uma confissão de Elias soa confortável ao ouvidos de muitos. Refletindo sobre suas práticas de produção intelectual, registrou: “com frequência sou obrigado a reescrever oito vezes a mesma coisa” (ELIAS, 2001, p. 84). Elias também parece querer tranquilizar os estremecidos “feitores” de dissertações e teses, ao assinalar:

20 Sobre a temporada de Elias em Gana, consultar depoimento constante nas páginas 76 e 81 do *Norbert Elias por ele mesmo* (2001).

21 Ao refletir sobre o longo período em que viveu na Inglaterra, Elias concluiu que: “[...] não é nada espantoso que a tradição e a civilização inglesas tenham deixado marcas profundas em meu pensamento” (ELIAS, 2001, p. 71).

Só bem mais tarde fui pouco a pouco compreendendo que noventa por cento dos jovens encontram dificuldade ao redigir seu primeiro trabalho de pesquisa importante; e, às vezes, acontece o mesmo com o segundo, o terceiro ou o décimo, quando se consegue chegar aí. Teria agradecido se alguém me dissesse isso na época. Evidentemente pensamos: ‘Sou o único a ter tais dificuldades para escrever uma tese (ou outra coisa); para todos os outros, isso se dá mais facilmente.’ Mas ninguém disse nada. É por isso que digo isso aqui. Essas dificuldades são absolutamente normais (ELIAS, 2001, p. 103).

Sobre os não raros conflitos entre orientandos e orientadores no mundo acadêmico, Elias narrou com detalhes a “desavença profunda e definitiva” que o levou ao rompimento das relações com o venerado professor e orientador Richard Hönlwald, em meados da década de 1920, em Breslau.

80



Durante as pesquisas as pesquisas que eu fazia para minha tese de doutorado, havia me convencido – através de penosos conflitos comigo mesmo – de que aquela coisa do a priori não era exata [...]. E como isso me parecia irrefutável, consignei-o em minha tese de doutorado./Hönlwald declarou simplesmente que aquilo era falso. Sem apresentar razões que eu considerasse convincentes, exigiu que modificasse meu trabalho, afirmando que não podia aceitá-lo naquele estado. Fincamos pé em nossas respectivas posições – posições que ainda hoje defendo –, até o momento em que me foi necessário admitir que seu poder era maior que o meu. Suprimi as passagens mais explícitas, aliviei algumas outras, depois enviei-lhe esse produto podado, que ele aceitou sem dizer nada, e foi assim que me tornei doutor em filosofia pela Universidade de Breslau [...]/Essa polêmica, no entanto, não alterou nem a consideração que sinto a respeito do homem nem meu reconhecimento pelo que me ensinou [...]/Aprendi a pensar graças a Hönlwald (e graças a meu pai), e isso representa muito mais do que essas poucas palavras são capazes de exprimir [...]. Entre os neokantianos de sua época, [ele] era seguramente um dos mais originais (ELIAS, 2001, p. 101-102).

Ao refletir sobre a contribuição de Karl Marx à tradição sociológica, Elias afirma:

A necessidade de informação, a necessidade de saber, é com efeito tão elementar quanto a necessidade de pão ou de algo que pudesse saciar a fome, e a primeira não pode ser satisfeita sem que ao mesmo tempo se satisfaça a segunda: a necessidade de saber – entre outras coisas o saber que permite saciar a fome – não pode ser satisfeito sem que se sacie a fome, e a possibilidade de saciá-la, por seu turno, não existe sem o saber (ELIAS, 2001, p. 133).

Fruto de décadas de experiências, na condição de intelectual *outsider* ou estabelecido, e, notadamente, a partir das lições tomadas enquanto expectador dos conflitos entre Alfred Weber e Karl Mannheim, Elias chegou a seguinte conclusão:

Durante muitos anos evitei criticar as obras de autores vivos, mas depois senti que não se podia sempre agir assim; além disso, sei que o ataque direto e o confronto dos espíritos são às vezes inevitáveis. É um problema delicado. Coloca-se em questão, dessa maneira, a obra de outras pessoas. Na medida do possível, devemos esperar que essa gente estivesse morta (ELIAS, 2001, p. 133).

Sem mais delongas, é preciso registrar que, em dois momentos de suas reflexões autobiográficas²², Norbert Elias menciona a lenda germânica do cavaleiro do Lago de Konstanz²³, figura com a qual se identifica.

Segundo a mencionada lenda, em tempos imemoriais um cavaleiro teria atravessado a imensidão daquele lago, sem se dar conta que o fizera sobre uma superfície congelada e não sobre a terra firme. Nesse sentido, Elias diz ter atravessado a vida como o lendário cavaleiro: sem a consciência de que o gelo poderia ceder.

Fato é que, a exemplo do cavaleiro do Lago de Konstanz, Norbert Elias seguiu seu caminho sem medo de perder o chão. Os percalços com os quais se deparou fizeram dele um homem desenraizado e não o impediram de se tornar um dos sociólogos mais influentes de todos os tempos.



- 22 Na página 76, refletindo sobre sua vida, assinala: “atravessei-a como o cavaleiro do lago de Konstanz, sem temer que o gelo cedesse”. Novamente, na página 113, depois de tratar do encontro consigo próprio, através da leitura de um antigo trabalho de sua lavra, ressalta: “Quando li o excerto de minha tese de doutorado tive a impressão de ser como o cavaleiro do lago de Konstanz; escapara do perigo que corria sem ter nenhuma consciência disso”.
- 23 O Lago de Konstanz (denominação que remete à cidade alemã que fica às suas margens), também conhecido como Bodensee, é um dos maiores da Europa e constituiu uma fronteira natural entre Alemanha, Áustria e Suíça.